

GT42: Experiências contra-hegemônicas em Memória Social e Patrimônio Cultural

Regina Abreu, José Maria da Silva

O GT pretende reunir trabalhos que focalizem experiências contra-hegemônicas no campo da Memória Social e do Patrimônio Cultural construídas à margem e em dissonância com o neocolonialismo. A intenção é abordar propostas, caminhos e perspectivas que coloquem em cena diferentes paradigmas culturais e de outros processos civilizatórios, com seus sistemas de conhecimento e práticas de memorização que foram e são invisibilizados. Especial atenção será conferida a referências de memória coletiva e social entre populações quilombolas e indígenas, comunidades tradicionais, coletivos emergentes, coletivos de mulheres, movimentos sociais, entre outros segmentos, expressas pelos sistemas singulares de produção agrícola, de conhecimento medicinal e ambiental, de visões de mundo, de cartografias sociais, culturais e de lugares de memória, de fabulação em torno do mágico e do sagrado, de mitos e rituais. Procuraremos perceber a atualidade de formas expressivas de relacionamento com diferentes concepções de tempo e de patrimônios, onde habitam seres humanos e não humanos, nos quais são partilhadas diferentes formas de ordenação do pensamento, da memória social e da relação com a terra e o meio ambiente, como em eventos alusivos à memória de movimentos sociais, em feiras de troca de sementes crioulas, em iniciativas de hortas e farmácias comunitárias, em processos de autodemarcação territorial, em reivindicações de propriedade intelectual, entre outros.

As Annas de Sant'Anna: um Barão e outras histórias

Autoria: Leticia Marques Camargo

Pelo menos cinco mulheres escravizadas são mantidas em uma espécie de "harém" privado de um Barão do café, no Vale do Paraíba Fluminense por pelo menos 30 anos. Antes de falecer, no ano de 1876, este homem se apressa em assumir os 25 filhos que teve com Floriana Paulina, Manoela Agostina, Semiana Florentina, Emília Dorothéia e Geralda. Nomeando como testamenteiro o farmacêutico com quem casou a filha mais velha de seu relacionamento com Floriana Paulina, Rosina, o tal Barão de Juparanã garantiu que uma de suas fazendas, a fazenda de Sant'Anna em Vassouras, fosse herdada por suas filhas e filhos mulatos. Antecipando a política heugenista, o Barão, que nunca se casou oficialmente ou teve qualquer relação com mulheres brancas, não esperava muito para casar suas filhas negras com homens brancos e velhos. Era inevitável que ficassem viúvas muito jovens. A rede entre as irmãs da fazenda de Sant'Anna era antes de mais nada uma questão de sobrevivência delas mesmas e de suas filhas e filhos. Estavam parcialmente isoladas em Sant'Anna, fazendo comunicação com a vila de Desengano, em Valença, por uma trilha beirando o Rio Paraíba do Sul, ou atravessando o mesmo rio de canoa à remo, chegando à Demétrio Ribeiro, vila pertencente à Barra do Piraí. Por conta das redes entre as mulheres e a criação coletiva entre seus filhos, o casamento entre primos se tornou comum principalmente nas primeiras gerações criadas em Sant'Anna. Com o avanço da linha férrea Pedro II pela região, muitos parentes foram arrumando empregos e se espalhando entre Afonso Arinos, Barra Mansa, Barra do Piraí, Mendes, Valença e até mesmo Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. Porém, parte da família continuou em Sant'Anna e todos se encontravam durante as festas da Santa Ana, no dia 26 de Julho, que acontecia na capelinha da fazenda. Ouvi essas histórias principalmente de mulheres, primeiro de minha bisavó quando eu ainda era criança, Dona Anna - Anita. Durante minha pesquisa vieram muitas outras 'Annas', e entendi que eram tantas mulheres com o mesmo nome na mesma família não apenas por conta da santa, mas também pelo nome do território em que viviam. As narrativas eram sempre centradas em mulheres, nas tias, tia-avós, avós, bisavós. As transmissões focadas nos gestos,

olhares, nomes, segredos, fórmulas, receitas, e mediadas por histórias e territórios.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

